



A SEMANA.

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

VOL. I.

DOMINGO 20 DE JANEIRO DE 1856.

N. 7.

PARTE POLITICA.

A LITTERATURA E A POLITICA.

O passo, que vamos dar, é talvez um facto novo entre nós; e por ventura é uma resolução ousada, que muitos estranharião: o jornalismo político e mercantil podia invadir e avassalar os domínios da literatura, mas ao jornalismo litterario não era permitido, ao menos, acercar-se das fronteiras da política.

D'aqui veio que o jornalismo litterario, quando, uma ou outra vez, aspirava representar-se na imprensa, desinhava e perecia; porque uma politica vertiginosa absorvia-lhe toda a ceiva, toda a philosophy, toda a idéa intima, e reduzia-o ao machinismo dos tropos, á medida pautada da versificação, á elegancia material das phrases e dos periodos, á litteratura das formas, em summa, e não á do pensamento.

A civilisação da edade média fez-se pela litteratura. Do claustro, onde ella se enthronisará, e onde quasi se concentrará, partia essa influencia magica, que impelia e modificava a tudo e a todos com uma justeza de accão admiravel. Mas a politica tomou por fim a bastilha da theologia, e do centro da encyclopedie partiram essas colonias de jornalistas, que escreviam suas bellas theorias, seus planos disparatados, os seus monstros de Horacio no papel, que lhe recortára a espada do aventureiro.

Passou já esta epocha; e enetamos agora uma nova phase social, que manifesta-se na litteratura, expressão legitima, que sempre foi e é da sociedade. O jornalismo, a mais bella, a mais seductora, a mais poderosa forma da imprensa está na incubação d'uma nova transformação. As paixões más da politica já quasi não tem orgãos: as paixões más dos individuos é que ainda tem o desafogo e desaforo de ir ao jornalismo diario, em troca de algumas moedas de cobre, assassinar e conspurcar a honra e os nomes alheios. Mas um dia os redactores mercantis acordarão, e reconhecerão que é vergonhoso, que é da ultima cobardia prestarem o fogo sagrado da imprensa, de que elles devem ser Vestaes, para se queimarem ou tisnarem reputações feitas, ou nomes obscuros, mas honestos.

A tudo isto se obviará com a accão do jornalismo litterario; e este retomará a devida ascendencia e influencia, quando sahir do circulo das

formas artisticas e mechanicas do bello e assumir a idéa philosophica da politica, e caminhar com ella na via longa do progresso e da summa civilisação.

E' como nós comprehendemos a politica e a litteratura; nem aquella vertiginosa, egoista, e com todos os seus māos instintos, nem esta reduzida a formas esterēis e de cōres opacas ou cambiantes, sem significação alguma para a realidade dos interesses sociaes.

Depois d'estas rapidas considerações declaramos que a nossa folha vae de hoje em diante tomar uma parte immediata na discussão dos interesses politicos do paiz, e na marcha e programmas das administrações. Não arreceem, porém, os espiritos susceptiveis, que vamos abrir as portas de Jano, ou que, depois das batalhas sangrentas dos partidos, como já dissemos em outro lugar, vamos ventilar de que lado estava a razão.

O nosso programa politico está definido.

« Acceitâmos as instituições fundamentaes do paiz, não como doutrinas infalivelis, mas como evangelho, que tem em si os germens da necessaria regeneração. Para nós o principio monarchico é tão necessario no nosso systhema politico, como no systhema de Copernico é necessario o sol em relação aos demais planetas.

« As franquezas provinciales são para nós um dos pontos que mais carece ser esclarecido e definido. Entre o principio de centralisação, e o principio de franquia departamental ha um meio termo a interpor; e este deve necessariamente ser o ascendente municipal.

« A instrucción primaria e secundaria, que é a primeira necessidade, a primeira urgencia publica, que se reclama em altos brados de todos os angulos do imperio, os melhoramentos materiaes a cargo da auctoridade municipal e não da provincial, uma colonisação sem utopias, nem preconceitos velhos ou novos, taes vão ser os assuntos da nossa politica.

« Com as ideas, com os factos, e não com o pessoal que representa essas idéas, e produz os factos, é que nos havemos importar: havemos conduzir por tal forma o bisturil, que a idea e não a pessoa seja por nós philosophicamente dessecada.

No proximo numero aventuraremos algumas considerações sobre a situação politica da actualidade: buscaremos comprehender e definir o

estado das ideas predominantes; e o que é e o que virá a ser a politica esposada p'la actual administração.

A litteratura é uma das forças latentes, senão a primeira do estado. Ella tem o legitimo direito de ser representada no movimento politico do paiz. E' reconsiderando essa força: é assumindo os nossos direitos de escritores, que vamos apresentar-nos na liga: recebainos com generosidade, leiam-nos com indulgencia, julguem-nos com justiça.

PARTE LITTERARIA.

O HOMEM E A MULHER.

II.

As mulheres são o reflexo do homem, feitas para lhe serem submettidas, para consolal-o em seus desgostos, para mitigar suas pennas. Sua ventura consiste em procrear filhos e educal-os na fé, na esperança, e no amor.

Com esse caracter de ternura, com essa subtiliza de espirito, e essa amabilidade de seus sentidos, com esse tecido delicado de suas fibras e de seus orgãos, não admira que ellas sejam tão doces, e ao mesmo tempo tão fracas e tão promptas a ceder a um sexo mais emprehendededor e mais forte. Mas o poder de seus encantos as eleva sobre o poder do homem.

Não foi o homem o primeiro seduzido, mas sim a mulher, porém elle o foi depois por ella.

No entanto sejamos justos: se a mulher sucumbe facilmente á seducao, nem por isso, seu coração é menos inclinado á virtude e a receber todas as impressões que o podem enobrecer e o tornar mais amavel. As mulheres tem um gosto natural para tudo que tende á decencia, á belleza e á simetria; sómente é pena que elles se empregando, quasi sempre, muito no exterior, não saibam apreciar o merito intrinseco. « A mulher vio que o fructo era bom ao paladar, e agradavel á vista; e a arvore lhe agradou, porque dava a sciencia, e comeu do fructo. »

O homem pensa, e a mulher sente. A força d'elle, consiste na reflexão; a força d'ella, no sentimento.

O imperio das mulheres é muitas vezes mais solido, mais absoluto do que o dos homens; elles o exercem por um olhar, por uma lagrima, por um suspiro. Desgraçadas d'ellas, quando recorrem á colera e á violencia! seu poder destroe-se e tomam-lhes aversão.

Entre as virtudes de seu sexo, conto a mais pura sensibilidade, a inexgotavel ternura de coração, a bella simplicidade de costumes, um amor ardente, que toca ás vezes ao heroismo.

A physionomia da mulher, traz o cunho de uma santidade inviolavel, que o homem de honra tem como dever respeitar, e que muitas vezes impõe aos libertinos mais desenfreadados, o mais severo preceito de acatamento.

Irritaveis por constituição, pouco acostumadas á pensar, á raciocinar e á discernir, arrastadas pela torrente de sentimento, tornam-se fanaticas, nada as pode curar d'isso.

Entre elles o mais ardente amor não está ao abrigo da inconstancia; seu odio, ao contrario, é quasi sempre implacavel, e só com uma perfeita lisonja, se as pode apasiguar.

O espirito do homem abraça o todo; o da mulher liga-se aos detalhes, ella atina com as graçações mais delicadas.

E' muito ordinario que a timidez, seja o apanagio natural d'um sexo fraco. O homem aprecia o spectaculo magestoso d'uma tempestade; sua alma se eleva ouvindo o ronco do trovão, por cima de sua cabeça; a mulher treme, á approximação da borrasca, oculta-se, e busca um asilo nos braços de seu protector.

O homem contempla o arco Iris, como um meteóro natural; a mulher só vê o jogo de suas cores. Ella fixa esse phänomeno no lugar em que aparece, o homem acompanha seus raios em todo o circulo que percorrem.

Nas mesmas circumstancias a mulher chora, e o homem fica mais serio, ella se desespera por um acontecimento, que em nós apenas excita algum pezar; ella entrega-se á impaciencia e á murmuração; e nós não cuidamos senão em nos lastimar: com tudo a fé da mulher é mais forte que a do homem.

Um homem irreligioso assemelha-se á um doente, que se persuade que está bem disposto, e que pôde passar sem medico. Uma mulher sem religião, é uma creatura repulsiva, revolta-nos, querendo fazer-se libertina, porque é feita para devocão e para a piedade. Foi ás mulheres, que o Salvador resuscitado appareceu primeiro, mas soubé reprimir-lhes o grande transporte com estas palavras: « Não me toqueis. »

Tudo que é novo e extraordinario as impressiona e as fascina.

Entregues a um unico sentimento, esquecem-se de si mesmas, em presença do objecto amado.

São sujeitas á mais profunda melancolia, e as satisfações as arrebata em extasi.

O sentimento do homem traz sua origem da imaginação, e o da mulher vem do coração.

Sua franqueza é mais ingenua que a nossa; reservadas, são impenetraveis; seu coração é um mysterio.

Ellas são mais impacientes, mais indulgentes, mais beneficas, mais modestas, e mais cheias de confiança do que nós.

Se o homem occupa, pela força da intelligencia, o primeiro lugar na escala da criação, o segundo pertence á mulher. O homem só não é perfeito; é um ente semi imperio. O homem é a honra e o sustentaculo da mulher, mas tambem é pela mulher, que elle torna-se o que pôde e o que deve ser.

« O homem não deve viver só. Por sua mulher elle deixou seu pai e sua mãe. Elle não fará mais que uma só carne com ella. » (*Genesis, Cap. 2.º, § 24*).

DR. MELLO MORAES.

AS FOLHAS DE UM ALBUM.

INTRODUÇÃO.

III.

Ha pessoas tão infelizes que até no gôzo dos seus desejos, os mais ardentes, saboreiam envenenadas magras, e deixam cahir na taça do prazer as lagrimas pungentes das suas desditas interiores. Sim; ha um vacuo no coração do homem, cujos abismos se tornam mais profundos, á proporção que se pretende encher e satisfaçar; — é porque o homem busca a sua verdadeira felicidade, como o Tantalo da fabula se esforça para tocar e devorar os pomos que lhe fogem.

Já vistes o caçador percorrer longas courellas de terra, descer aos vales, e subir aos montes e colinas, romper e atravessar o tojo da charneca com o fim de acertar e matar um passaro, e depois abandoná-lo ou ve-lo devorar pelos cães, ou quando muito mete-lo indiferentemente na savadeira de caça? Pois eis ahi como são os gosos da minha vida.

Um desejo ardente de saber e viajar se apoderou de mim, e me levou para tão longe do tecto paternal; mas a sciencia tem fructos amargos; e o espectaculo dos monumentos e das paisagens, quando não é admirado junto a uma pessoa querida, perde quase todo o seu encanto: — é a lagrima na taça do prazer. Desejar e anciar a felicidade, ve-la ás vezes desenhada diante de mim, e, no momento em que a vou abraçar, encontrar o cadaver fatal e terrivel da minha desventura, eis aqui a minha nome, a minha agonia de Tantalo! Trabalhar longas horas de tremendos sacrifícios para chegar a possuir um tesouro depois have-lo sem vida!... buscar a gloria, e achar a coroa de espinhos, eis aqui o meu prazer de caçador.

Estas considerações tinha-as eu estampadas no coração, e a vulcanisarem-me a cabeça n'uma

d'essas horas, em que uma saudade punjente da patria me traspassava a alma como se fôra uma espada de dois gumes. Se uma tal crise durasse mais de uma hora talvez os cabellos se me tornassem encanecidos, porque essa scistole de amargura é tão violenta, que chega a fulminar os desditos com uma apoplexia, ou, o que é ainda mais fatal, com uma alienação mental.

Um passeio, uma distracção convenientemente dirigida é o remedio efficaz, não para curar radicalmente essa molestia moral, que só finda na terra do sepulcro, mas para acalmar a sua intensidade. Abalado por tão violentas sensações, e como sacudido pelo furacão da tormenta, dirigi-me para a cortina beira-mar da cidade. No meio d'estes traços acerbos, o Santelmo da religião sancta com que meus paes me educaram, essa estrella de verdadeira bonança appareceu-me no meio do estalar e fuzilar da borrasca, como para guiar-me á praia de salvação.

Era ja alta noite. Um pequeno sino, cujos sons vinham vibrados do corucheo de St. Antonio dos Capuchos, e que chamava os filhos do claustral para a oração da meia noite, foi o instrumento de que a Providencia se serviu para lançar-me n'alma a esperança, o alento e a resignação. A minha alma, até então negra pelas nuvens serradas da saudade, começou a sahir do meio das angustias, como a lua surge do meio das nuvens da tormenta, que começa a desfazer-se. Tinha eu passado pela provação de profundos e crucis desgostos; mas o meu anjo da guarda começava a abrigar-me debaixo das suas azas protectoras: — rezei.

Mas a minha oração não foi essa juncção de palavras da doutrina catholica, a que, em geral, não se liga a significação philosophica que encerra, foi uma prece modulada n'uma expressão que não é commun: foi uma oração solemne como a de Lamartine porque a minha alma

Entre la nuit qui tombe, et le jour qui s'ensuit
S'eleve au createur du jour et de la nuit,
Et semble offrir à Dieu, dans son brillant langage,
De la création le magnifique hommage!

Acabada essa devoção mystica, que eu no sacramento da minha alma tinha eucaristicamente elevado ao throno de Deus trez vezes sancto, senti como um poder occulto que me animava: parecia que o anjo da minha guarda me tinha dado o seu dedo protector para me servir de apoio n'esta senda escabrosa da vida.

O spectaculo da noite é sempre poetico, mages-
toso, e solemnemente religioso, ou seja contem-
plado no bosque serrado da floresta, ou no meio
das ruinas mortas de uma cidade, ou em sim na
lagineza do mar : — o verbo de Deus é sempre
grande.

Quando chegei a entrar na área d'essa miseravel
gaiola, a que por escarneo chamam o caes do Fa-
roux : evi, ao longe, asserras sotopostas da outra
banda, e senti as ondas quebrarem suavemente
na praia as suas vagas, espalhando esse sussurro,
que se assemelha ao suspirar de uma rola, ou aos
sons de uma harpa ; e que vi essa cidade, simi-
lhante a um athleta, dormir o sonno da fadiga,
para, logo que accordar, voltar á vida agitada e
laboriosa do seu commercio : quando eu con-
templei esse soberbo quadro senti alguma cousa
de solemne e poetico dentro de mim : parecia que
a minha imaginação se havia despojado da tunica
grossa da vida prosaica, e material, e revestida
do amytho purpureo, e da alva nevada dos
anjos de Milton para ascender-se e voar pelas re-
giões do sublime e da pœzia.

Embebido n'essa profunda melancolia, que ins-
pira os grandes espectaculos da natureza, voltei
para casa. Quando eu atrevessava o meu gabinete
e me dirigia para o quarto de repouso, reparci em
uma porção de cartas, ainda serradas, e que me
eram dirigidas. Quando eu lhe deitava um relan-
cear de olhos, como quem lhe dizia — que me
aguardassem para o dia immediato, quando esti-
vesse sentado á minha banca, ou, melhor, atado a
essa minha columna de martyrio, reparci em um
bilhete, cujo sobrescripto me era dirigido, e cuja
letra era visivelmente traçada por uma mão tre-
mula e agitada. A palavra *urgente*, que estava no
sim me obrigou a toma-lo, rasgar-lhe a obreia e
lê-lo immediatamente. Eis aqui o seu conteudo
poco mais ou menos.

« MEU QUERIDO PATRÍCIO. — Poucos ou
nhuns amigos, e nem um só parente, conto eu
n'e ta terra, onde a minha bocca falla a mesma
língua, mas onde a minha alma é inteiramente
estrangeira, e o meu coração um verdadeiro
desterrado.

« As lagrimas de compaixão que vos dignastes
lançar na ampla taça da minha amargura,
quando, no Passeio Publico, eu deplorava a
perda de meu querido pae, me animam a rogar
vos tomeis o encargo de ser o meu testamen-
teiro, e mesmo meu legatario.

« Bem como este bilhete é escripto por uma
mão, em que está retratado o herpe arroxado
da morte, assim os pés tenho-os eu já como
plantados na terra da sepultura : — não posso
ir pessoalmente procurar-vos. Se pois vos dig-
nardes descer até este horto da minha derra-
deira agonía, praticareis uma obra de caridade,
emitareis a Deus que em substancia, não se de-
digna de vezitar o afflito e dar-lhe na hora ter-
rivel do passamento, aquelle conforto e consola-
ção a que não pôde já chegar, nem o poder da
terra, nem a sciencia dos homens.

« Rogo-vos em nome da terra da patria, pelas
venturas dos nossos parentes, que lá moram,
e mesmo peles ossos dos nossos maiores, que
venhaes ouvir o meu testamento ; e receber o
legado que vos tem destinado a minha simpa-
thia ; — legado pobre e mesquinho para muitos ;
mas para vós será de algum apreço, por que
n'elle vos deixo grande parte da minha alma,
materializada, por assim dizer. »

IV.

O desventurado que ao receber um tal convite,
se fosse indolentemente deitar, e alcançasse con-
ciliar o sonno, seria considerado como uma indole
de tigre, revestida de forma humana. Como se eu
pois fôra tocado pela aza da tempestade, precipi-
tei-me fóra de casa, e dirigi-me para o logar que
se me indicava. Entrei.

No fundo de um armazém, quo na linguagem
corrente comercial, se chama *casa de commis-
sões*, havia uma especie de buca, onde ardia uma
luz palida, que oscilava com a impureza do ar.
Este antro, que por um caixeiro, que me conduziu
até alli, era chamado alcova, não duvido que Dan-
te o tomasse para uma das cavernas do seu *inferno*. Era um d'esses focos de myasmas putridos
sem ventilação, humidos e asquerosos, que tor-
nam os moços, aprendizes do commercio, de ro-
sados e sños, que crão ao desembarcar, em rostos
lividos e palidos, como os dos presos de enxovias,
ou como os atacados de ectricia.

Quando transpuz a porta da alcova parecia que
uma rajada de vento impestoso me havia aconta-
do a cara, e quase recuei ; mas galvanizado pela
impressão, que alli me conduzia, entrei. Senti
então o cibilar de um suspiro, que, por assim di-
zer, expressava a linguagem de uma grande amar-
gura ; e em seguida o revolver de um corpo sobre
um leito, que estava collocado a um canto d'aquelle
pequena quadra.

— Quem é que entrou ahi ? perguntou uma voz alquebrada, tremula e como expirante.

— Um vosso amigo,

— Ai !... respondeu a mesma voz, como querendo tomar mais força, porém tornando-se cada vez mais cava e como se sahira de um sepulcro.

— Nunca os tive n'esta terra, porque fui dos da minha família o unico desventurado que trocou a terra da patria pelo solo estrangeiro, e o lar domestico pela casa da servidão.

— Sois injusto meu querido patrício, lhe voltei eu, dirigindo-me pouco a pouco para junto do catre, em que o desdito estava reclinado. E' um vosso verdadeiro amigo, quem vos procura, e vos quer como se forais seu irmão, como se fosseis alimentado ao seio da mesma mãe.

— Ah ! sois vós, sois vós ! exclamou o infeliz sentando-se violentamente na cama, e estendendo-me os braços descarnados e secos, como se foram já os de um cadaver intericado. Perdoae-me, oh ! perdoae-me pelo amor de Deus, e pela ventura de vossos paes, pois fui tão injusto que, não obstante recorrer, no ultimo trance de minhas agonias, para os impulsos da vossa alma generosa e candida, duvidava que viesseis. Havia-vos suposto, não na minha alma, mas na minha cabeça subjeito á indole e sentir da sociedade actual, pensando e obrando, como esses homens, cuja alma é temperada pelo poder do ouro, tantas vezes orvalhado com as lagrimas dos infelizes.... oh !... perdoae-me, perdoae-me ; e recebei os meus parabens, porque ainda não conspurcastes a vossa alma na sentina, onde chafurda essa gente para quem o dinheiro é tudo, e os factos intimos e generosos da alma uma demencia consumada.

— Tranquilisai-vos, meu amigo, não vos abandoneis a essas considerações, que tem sido os vossos algozes, que tem sido os herpes que tem lavrado no vosso corpo, e vos tem chegado a este estado tão deploravel. Refreare os impulsos de tão acerbas amarguras.

— E quem terá poder, me voltou o infeliz com maior intonação de voz, quem poderá dizer ao oceano em tormenta que se acalme, quem poderá trocar a tempestade em bonança, quem terá o poder de tomar nas mãos o raio e quebra-lo, quando rompe e estala através das nuvens? — Ai !... Muitos me tem dito para que essa tristeza, em que te consomes? Porque não aceitas o mundo tal qual é ?... Mas eu nunca pude aceitar essas crenças monstruosas de egoismo, em que eu tenho

visto agitar-se a sociedade actual, e, graças a Deus, vou morrer pobre, desgraçado, sem ter até com que pagar a minha mortalha ; mas as crenças da minha infancia, as maximas sanctas, com que meus paes me educaram, tenho-as ainda indeleveis na minha alma, e heide amortalhar-me n'ellas.

— Um pouco de silencio, meu amigo, um pouco de repouzo, e depois fallaremos mais á vontade, depois buscaremos remedio á vossa enfermidade.

— Não a conhecem os homens da sciencia ; dam-lhe o nome esturcio de *nostalgia*, mas não a sabem curar, porque a clinica para uma tal molestia, só a saberia praticar uma mãe ou um pae ; e não esses homens que se tem costumado a ouvir os gemidos dos padecentes com a mesma indiferença, com que ouvimos assoar ou escarrar um individuo. A minha enfermidade é mortal e eu bem sinto que a minha ultima hora de vida está a soar...

O infeliz calou-se um pouco como querendo reunir as suas idéas, depois continuou.

— « D'esde que desembordei n'esta terra, e que me vi arrojado para o centro d'essa sociedade, tão diferente d'aquelle em que fui criado : quando em vez da singeleza, da verdade e da boa fé lavradora da minha querida familia, moldada pelos costumes patriarchaes, eu tive de viver e subjetar-me aos homens do toucinho e carne secca, bem senti eu que estava precipitado no inferno da vida : mas resignava-me, porque o homem é para o sofrimento, bem como as lagrimas são para as dores.

« Rehabilitar-me para voltar á patria era o meu pensamento unico, em torno do qual eu fazia convergir todos os sacrificios do trabalho ; era a tabua de naufragio, a que eu me agarra, e em que esperava chegar com vida á praia de salvação. Quando o suor me cahia em bagas da fronte, levava eu a mão á testa, limpava-o, e dizia — bemaventurada fadiga que me deve proporcionar o regresso á terra da patria, para beijar as mãos de meu pae, e as faces venerandas de minha querida mãe. E trabalhava, — tanto ou mais do que um escravo.

« A 22 de Julho de 1849 entrou navio de Portugal, e no correio recebi eu uma carta de minha saudosa mãe, que me dizia assim. — « Desde o dia 13 de outubro de 1848, que estou viuva e tu « orphão : reza por alma de teu pae, como eu te-

« nho rezado e chorado pelo repouso eterno de « meu esposo. »

« Dizem que ha amarguras que fazem encanecer os cabellos ao desdito, a quem elles fulminam : dizem outros que ha calamidades que prostram com a morte ; creio que não, por que nem os cabellos se me encanecem, nem cahi aos golpes da morte : a alma é que morre para a existencia convencional da vida, e então o corpo toma o aspecto de um cadaver ; foi o que me sucedeu. Como um naufrago, que lutando largas horas sobre as vagas revoltas do occeano, arqueja e esmorece exangue de forças, e, erguendo as mãos ao céo, se deixa tragar pelas ondas, assim eu, não podendo mais sustentar um duélo tão empenhado com o destino, abaixei a cabeça, e disse á morte que tomasse conta do corpo que lhe pertencia :— a alma, só ficava n'este mundo, presa á saudade de minha querida mãe, e a pairar sobre a sepultura do cadaver de meu querido pae. E' o que tem sucedido na dolorosa paixão da minha vida.

« Uma ou outra vez me queria eu illudir com a esperança de ainda um dia voltar á patria ; mas o trabalho, tão intenso, e tão superior ao meu estado phisico e moral, não offerecia resultado para isso. Desenganci-me que, neste paiz, dito de tantos recursos, onde ha tantas fortunas ficticias, mas que se fossem a realisar-se desapareceriam totalmente, desenganei-me que não era possivel adjunctar com que pudesse transportar-me, e que emfim teria de deixar o cadaver na terra estrangeira.

« Havia um recurso para satisfazer os meus desejos : era embuir-me com a perspectiva d'esses protecções tão assoalhadas e nunca vistas, d'esses offerecimentos nos dias da prosperidade, convertidos em repugnancia e desculpas hypocritas no dia da necessidade ; mas pedir !... era uma idéa que sempre me repugnou. Demais : diria um — trabalho que é moço, e hade ainda ser muito feliz. Outro diria — deixe d'essas suas maluquices e ganhe dinheiro, por que nós tambem havemos morrer. Não pedi e morro : ainda bem que não é de vergonha.

« Estas considerações, que tenho agonizado, é que me tem produzido esta febre que me vai devorando. Nunca tive uma palavra para queixar-me, nunca fiz ostentação das minhas amarguras : eram fogo que minava e não deitava labareda. Mas desejava eu que esta realidade tremenda, em que me acho, que una tradução fiel das minhas

mágoas e padecimentos se apresentasse aos macebos, que buscam os portos da nossa patria para trocarem o tecto paterno pela casa da servidão.

A emigração de portuguezes para o Brazil é uma questão altamente politica, administrativa e mesmo diplomatica, que deveria ser considerada e resolvida convenientemente ; mas com a vertigem eleitoral e revolucionaria que por lá se agita, com os representantes provisórios que por cá temos, o que ha a esperar ?

« Como vos disse, nunca soltei uma queixa. O destino, e os homens, onde elle encarna, não toleram as queixas dos infelizes, a quem só resta a recordação, unico legado, ou, melhor, derradeiro algoz, que o acompanha até exalar o arranco extremo no patibulo da vida. Para mim as RECORDAÇÕES DA PÁTRIA serviram-me de algoz e consolação.

« Como muitas vezes cheguei a temer, em vista dos meus padecimentos moraes, que a memoria se me enfraquecesse, e que a imagem do meu querido Portugal, d'essa terra, tão querida e tão saudosa, se me evaissesse da imaginação, consagrei algumas das FOLHAS DE UM ALBUM para esboçar, em rude escriptura, essas queridas recordações, e as reminiscencias da infancia.

« Sei que no vosso peito pulsa um coração portuguez, e que sabeis avaliar uma dor como a minha. A unica coisa que posso n'este mundo é esse album, onde tenho encerrado grande parte dos afectos da minha alma. Muitas passagens talvez vos sejam inintellegíveis ; mas todas essas paginas encerram a epopeia da minha dor, todas essas palavras, todas essas phrazes desleixadas foram baptisadas com lagrimas. Um só coração as podia entender — era deminha mãe ; mas a pobre velha, ou já se hade ter finado de amarguras, ou então as lagrimas, que por mim e por meu pae tem derramado, lhe terão enfraquecido a vista :

« Aqui está o livro debaixo do meu travessero ; tomæ-o.

« Ainda ha pouco, quando eu senti a morte estender as suas raizes de gelo ate ao meu coração, escrevi na sua ultima pagina, o meu canto de cysne que findará por estas palavras. — Bem digo a hora da tua chegada, ó morte : vou emfim desembocar-me do fardo pezado de vida. Eu te saudo, hora primeira de repouso, que tenho soboreado. Ulti-

ma hora da minha vida, aurora do dia eterno, eu te saudo, como o infeliz Chaterton te saudava na sua derradeira agonia. Adeos, humiliações, odios, sarcasmos, trabalhos aviltadores, incertezas, angustias, misérias, tormentos do coração, adeos!...»

Esta apostrophe foi pronunciada com tal commoção que me assustou: aquellas palavras tremulas e de som cavo, pareciam-me como os relâmpagos continuados de uma noite escura de tormenta. Depois prosseguiu com mais calma.

« Se um dia voltardes á terra do nosso querido Portugal, e se minha velha mãe ainda for viva, lède-lhe algumas destas folhas; e dizei-lhe... que o seu nome, aqui escrito.... foi muitas vezes ungido... com as minhas lagrimas... e que... o meu ultimo suspiro... se encaminhou á sepultura de meu pae!...»

Ao proferir estas ultimas palavras reparai que se lhe contrahiam os beiços de uma maneira assustadora: toquei-lhe a cabeça, e senti-a fria... como de gelo... os olhos estavam cobertos de nevoa, e o suor da morte destilava-se-lhe em lagrimas pela testa.

Com a maior anxiedade chamei-o: em vão. A palavra Jezus, sólta de seus labios arroxados, como se fôra a voz de um sonambulo, soou-me no coração como um dobre de finado: reparai: — o infeliz tinha morrido.

O leitor que avalie o como eu ficaria em presença d'este quadro. Eu proprio tive de serrar-lhe os olhos, e amortalhá-lo, permanecendo sentado junto a esse leito, agora tornado um sarcófago, até ao alvorecer do dia immediato. Então fiz baldear esse cadáver para um carro, e fui acompanhá-lo até ao mosteiro de São Bento em caja galilea vi enterrar o cadáver do pobre estrangeiro, deixando uma lagrima sobre a terra revolta da sua sepultura.

Entendi dever fazer esta introdução com todas estas circumstancias, para que o leitor se convença da autenticidade d'este livro, de que eu fui legatário, e de que apenas sou edictor; por que o verdadeiro auctor é o moço que acabamos de sepultar em São Bento, o qual o escreveu e m' o legou: — palavra de jornalista político. R. D'A.

PARTE NOTICIOSA.

UMA FESTA CIVICA.

Os festejos nos anniversarios dos monarchas, são na tradição de longas eras, em que muitas vezes

a dedicação dos povos e a hypocrisia politica dos aulicos correm parelhas n'essas manifestações de publico regosijo.

O monarcha, que repousasse tranquillo ao ruido das manifestações officiaes da corte e das grandes cidades, que calculasse por esse cortejo estudado a dedicação civica de todos os seus vassalos, erraria por certo. Os programmas estudados são uma legitima veneração historica á realeza; mas as preces das pequenas povoações pela vida do monarcha são o puro insenso da dedicação queimado no thuribulo de corações devotados. Lá pôde haver a hypocrisia com as galas mentirosas da verdade, aqui ha a verdade toda ingenua e pura. Lá pôde haver a disciplina official, aqui ha a efusão de corações agradecidos, que gosam de paz e justiça, escudados pelo manto real do imperante.

Uma festa civica, n'este ultimo sentido, teve lugar na villa de São Luiz, da província de São Paulo, por occasião do ultimo anniversario do Senhor D. Pedro II.

Uma pequena estrela, que apenas scintilava no manto imperial do monarcha americano, no fausto dia 2 de dezembro de 1855 fulgurou em toda a sua magestade; essa povoação sem historia, mas com importancia agricola, deu um grande exemplo de devoção civica ás instituições monarchicas, que hoje se personificam na nova estirpe do antigo trono de Bragança.

Celebrou-se na Matriz da villa um solemne *Te Deum* a que assistiram a camara municipal, as autoridades locaes, e crescido numero dos principaes cidadãos do município.

O padre-mestre Francisco José Calassancio, um dos ecclésiasti os mais illustrados de todo o bispado, e um digno ornamento do pulpito, recitou ou antes improvisou um eloquente discurso, consagrado ao fausto objecto, que se celebrava.

« Senhor, dizia o eloquente orador, dirigindo-se mentalmente ao illustrado monarcha, senhor, amam-vos os brasileiros do fundo de seus corações, por que sois um rei paternal, por que do solo, em que vos assentae manam as virtudes domesticas, parte a paz para todos os angulos do imperio, e a justiça começa a enthronizar-se; todos vos amam, senhor, não por emitardes esses grandes conquistadores da antiguidade, que ensopavam em lagrimas e em sangue os seus standartes de victoria, mas por que sois pai e rei, em cujas acções resplandecem todas as virtudes.

« Aonde tão grande caridade, como a que praticastes nos dias calamitosos, em que a mais terrible das epidemias assolava a população?

« O vosso manto purpureo de imperador foi estender-se sobre os leitos dos hospitaes, em que as victimas da mais extrema agonia luctavam nas vascas da morte.

« As vossas virtudes domesticas, as vossas qualidades de rei tinham-vos feito conquistar o coração de vossos subditos, n'esse dia conquistastes a immortalidade: salve, ó immortal filho dos reis, e bem querido dos povos. »

Depois do *Te-Deum* e da oração, de que acaba-

mos de dar um *specimen*, seguiu-se o cortejo á augusta esigie do Senhor D. Pedro II. Na rica e formosa casa do Sr. capitão Manoel Jacintho Domingues de Castro, um dos cidadãos mais bem quisto e mais benemerito d'aquelle municipio, estava armado no principal salão um elegante docel de seda e ouro, brilhantemente illuminado. O Sr. Tenente-Coronel José Domingues de Castro, commandante da guarda nacional deu os vivas do estylo, que foram correspondidos cordialmente pelo numeroso concurso de senhoras e cavalheiros, que alli se achavam, e pelo povo que estava apinhado no largo.

O Sr. capitão Manoel Jacintho pediu a attenção e recitou o seguinte discurso.

SENHORES. Não é por um luxo vão que estas paredes estão cobertas de galas, não é sem uma significação intima e cordial, que este pavimento está coberto de flores, e que o ar está repassado dos esfuvios de aromas rescententes: tudo isto, senhores, é o symbolo de uma devoção civica. Estas galas, estas flores, e os canticos que ouvimos, os perfumes que respirâmos são a imagem do prazer que reina em nossos corações pelo fausto objecto que celebrâmos n'esta hora solemne.

Perfaz-se hoje tinta e um anno, meus senhores, que rutilou para o Brasil a aurora de uma grande ventura. Desde então o espírito publico, embora atribulado por crises de dolorosa reminiscencia, convergia para o berço do illustre infante todas as suas esperanças queridas: elle era o iris de paz e bonança, era o symbolo de aliança entre o throno e o povo.

Estas esperanças, por si só, bastavam para debelar o terrível dragão da anarchia, que buscava arremessar para um abismo a este grandioso imperio, que surgira nas margens do Ypiranga, á voz poderosa de um principe, como o universo tinha surgido á voz omnipotente de Deus.

E estas esperanças, senhores, tornaram-se hoje uma realidade. Não foi em vão que o povo esperou a sua felicidade das mãos infantis de um principe, que nascera e crescerá no meio das tribulações.

Consideremos a nossa posição, a nossa situação actual de nação, e veremos, que somos o primeiro imperio da America do sul, que o diadema que cinge a augusta fronte do Senhor D. Pedro II. é um iris de eterna aliança entre a Europa monarchica, e a America republicana; a paz e a prosperidade no interior, o credito e o respeito no exterior, taes são as garantias que hoje oferece á nação a monarchia constitucional, que é o symbolo de eterna gloria para a terra venturosa da Sancta Cruz.

Perante o altar de Deus, trez vezes sancto, pedimos a Deus que prolongasse a vida do inclito monarca, como o Brasil e nós carecemos: agora aqui, n'estas aras civicas de um cordeal patriotismo, exclamemos com brados de entusiasmo:

Viva o fausto natalicio do monarca brasileiro o Senhor D. Pedro II.

Viva toda a augusta familia imperial.

Viva a constituição politica do imperio.

Viva o actual ministerio da politica consiliadora.

Viva o povo do municipio de São Luiz.

Um explendido baile veio abrilhantar o resto d'esse dia, que de hora em diante será um dia de eterna recordação para o povo do municipio de São Luiz de Paraetinga.

Aproveitando as respectivas informações, e registando esta festa civica nas columnas da *Semana* é nosso fim acompanhar o patriarchal povo de São Luiz na justa efusão de sua dedicação civica á paternal monarchia do Senhor D. Pedro II, elouvar aos benemeritos cidadãos que tomaram a iniciativa da função, especialmente ao illustrado deputado provincial o Sr. Dr. Joaquim Floriano de Godoy, que é o cidadão predilecto d'aquelle municipio, e que gosa da estima eda consideração que justamente lhe é devida.

BAILES DE MASCARAS.

Consta-nos que o Sr. Chefe de polícia da corte, considerando os inconvenientes de uma excessiva afluencia nos theatros lyrico e no dramatico de S. Pedro, resolvêra proceder a uma lotação segundo se practica na Europa. Consta-nos mais que o numero de concurrentes para cada umdos theatros não excederá a duas mil e quinzentas pessoas, cujos cartões de entrada serão carimbados pela polícia, a fim de não ser illudida esta salutar providencia.

Felicitâmos a S. Ex. por esta luminosa e providencial medida; e seja-nos permittido por esta occasião chamar mais uma vez a sua particular attenção para o estado do theatro lyrico, cuja edificação provisoria não dá a necessaria garantia de segurança, especialmente n'uma reunião numerosa e agitada, como é a de um carnaval.

Deve especialmente considerar-se que embora o madeiramento esteja seguro, como attestou a comissão respectiva de exame, (e o que pomos e poremos em duvida, em quanto virmos a auencia do lustre) os frontaes de tijolo, que ha entre um e outro pilar podem, com as oscilações, dar de si, e cahirem sobre os concurrentes. Sobre esta circunstancia não é explicito o parecer dos illustrados e respectaveis peritos.

Seja, porém, qual for o ultimo accordo tomado a este respeito, desde já louvâmos ao Sr. chefe de polícia a solicitude que lhe merece a prevenção de um sinistro, que é possivel sacrificar centenares de victimas.

Depois de havermos escrito e publicado a presente noticia, acompanhada de ligeiras observações, apareceu n'uma das folhas diarias um violento artigo cujo auctor quebra lanças pelo theatro lyrico, e ousa enchergar em nosso simples ennunciado o vehiculo ou a manifestação sorrateira de u na intriga pessoal. Repelimos essa maligna e indecente in-

sinuacão, porque as pennas da *Semana* não se acham hypotecadas ao triumpho de interesses pessoas : é muito mais nobre, muito mais elevada a nossa missão ; as cousas e não os homens, os factos e não as pessoas, que com elles se identificam, eis os assumptos que tratámos. Nós que estigmatisamos as paixões más, manifestadas na imprensa, não seríamos os primeiros a desdizermo-nos de nossa conducta jornalística; buscamos esclarecer, e não armar, mas destruir laços traiçoeiros.

Era um simples conhecimento, que tinhamos do facto, quando o noticiámos; mas o calor do artigo, a virulencia das suas expressões, o empenho de abafar os nossos receios, obrigou-nos a considerar mais de perto o assumpto ; e agora julgamo-nos habilitados para nos dirigirmos ao Sr. chefe de polícia, e ao Sr. ministro do imperio, pedindo-lhe se dignem ler-nos, e tomar nossas observações na consideração, que merecerem á sua imparcialidade, e á sua illustrada apreciação.

Respeitamos muito a cada um dos membros da respectiva commissão ; mas não podemos nem devemos expor ao seu parecer official a segurança de centenares de vidas. Essa commissão examinou o estado do madeiramento, e achou-o bom ; mas não avançou a assegurar o estado das paredes, nem examinou conscienciosamente o abatimento de mais de dois palmos, que tem havido nos alicerces e uma inclinação que se observa pelo lado do norte. Diz-se que com uma não pequena somma de dinheiro se restabeleceria o lustre, mas com dinheiro tudo que é possível se faz.

O theatro provisório tem uma existencia legal de trez annos e essa já acabou. Ainda que elle estivesse nas melhores proporções de segurança e solidez, é um escandalo, é uma flagrante violação da lei estar ainda a funcionar. Falâmos tão sómente das circumstancias e estado do edificio : não nos forcem a precipitar o que um dia diremos sobre as circumstancias e estado da empreza, que, a troco de alguns centos de mil reis, quer expor uma parte do publico a possível e facil sinistro.

A condenação que os membros da commissão de exame fulminaram ao salão, uma das principaes peças d'aquele caquetico edificio deve muito pesar no animo do Sr. Chefe de Policia. Deve tambem pesar na sua consideração o cuidado de mandar, especialmente, inspecionar os ligamentos, o travamento dos frontaes, ou lanços de paredes com os pilares, que se lhe interpõem. Com a prudencia, com a illustração que caracterisam as suas administrações, o Sr. Sinimbú hade tomar uma deliberação digna d'elle e do objecto.

Se a sua decizão for contra a nossa expectativa nem por isso a estemagtizaremos : então no humilde posto que occupámos na imprensa ser-nos-ha permitido bradar aos chefes de familia, que não se exponham, e a suas familias ao azar de um grande sinistro.

Ha certos avisos providenciaes, que não se devem desprezar. Assim como, ha tempos, um furacão levou pelos ares e derrubou a barraca do balão, uma contradança pôde trazer á terra aquelle barracão, provissorio de direito, e definitivo de facto.

AS NOSSAS CONFERENCIAS.

N'uma reunião que ultimamente teve a redacção da *Semana* combinou-se no seguinte :

1.º Que a nossa folha tomasse uma parte moderada e prudente no movimento e estado politico do paiz, encarando a politica debaixo de ponto de vista litterario e administrativo, e abstendo-se convenientemente do pessoal governamental.

2.º Que cada um dos respectivos redactores buscassem organizar a parte de redacção que lhe estava confiada, dirigindo-se ás pessoas illustradas, e com nome nas especialidades que dirigiam, pedindo o seu auxilio e collaboração.

3.º Que se promovesse a possivel circulação da folha, especialmente entre as pessoas illustradas, afim de que nos assistam com seus conselhos e nos fortaleçam com sua opinião.

4.º Que um dia aprazado na semana será consagrado á uma conferencia, em que cada um dos redactores pessoalmente ou por escrito apresentará o estado da parte de sua redacção, e por ultimo se farão leituras, ou se combinará o ponto de vista em que devem ser tratados os assumptos vitaes do paiz, como os da religião, da colonisação, da instrucção popular, etc.

Se estes meios forem convenientemente postos em prática e cuidadosamente desenvolvidos, esperamos que a *Semana* em breve conquistará uma legitima opinião no animo publico, como já tem grangeado particulares favores, e mui generosa aceitação da parte de pessoas respeitaveis por sua elevada posição e illustrado saber.

REVISTA SEMANAL.

AO VOAR DA PENNA.

MEU CARO DIRECTOR. O philosopho Azais ideou e escreveu o systhema das compensações ; e o sistema das compensações é a philosophia por excellencia. Assim, pelas suas theorias, é preciso para o equilibrio e harmonia do mundo moral que uns sejam pobres para os outros serem ricos que uns sejam velhos para os outros serem moços que umas sejam feias para as outras serem bonitas, que uns estejam doentes para os outros estarem saudios, que uns morram para os outros viverem, que uns cantem mal para os outros cantarem bem ; e que em fim n'um dia se escreva de mais para n'outro dia não se poder ou não querer escrever cousa alguma.

Quando Azais escreveu este systhema foi considerado como um utupista, assim como tinha sido julgado Bernardin de Saint-Pierre com o seu systhema das harmonias. Mas afinal triumpha o principio das accções e reacções : o polo positivo e o polo negativo de uma pilha galvanica são duas realidades no mundo moral.

Quero dizer com todo este palavriado, que se não escrevi uma revista semanal para o voso ultimo numero, agora, para o que está na forja, vou rasciscar, ao *voar da penna*, já se sabe, um longo artigo, que, em compensação, irá preencher n'este o vacuo que eu deixei no outro.

BAILE DE PHANTASIA. Segundo se deprehende da folhinha, e dos respectivos preparativos vamos, n'este anno, ter um carnaval de gravata lavada, calcão e meia de seda, e não esse assalvajado entrudo de nossos avós, que não havia nada que os constipasse.

Graças ao empenho da sociedade das *Sumidades carnavalescas* o entrudo é uma especie de Bertholdo, que só tem as honras da leitura na tripeça do sapateiro, ou no balcão da taberna.

Nunca mais esse immundo, esse agalegado entrudo da edade media e dos tempos mythologicos, nunca mais essas luctas phisicas de máo gosto, esse ciringar e baldear de agoa, que matava pela quaresma, como se morre do cholera, dias depois de aspirar o miasma : o entrudo passou, d'esta nossa corte, para o dominio da histori viridica das loucuras humanas, apenas será ainda representado, como antigualha, n'uma ou n'outra povoação, que se arrasta tropega pela estrada da civilisação moderna.

A esse grupo da sociedade carnavalesca se deve o impulso e a realisação de um passo de gigante na civilisação dos nossos costumes publicos. N'esses dias, em que é permittida uma certa e delicada expansão, contrahem-se relações de familia, que ao depois se cultivam e gosam nos salões. A sympathia, as impressões vivas e deslumbrantes, que se contrahem n'esses encontros ruidosos, infiltram-se ao depois no amago do coração, e a sympathia torna-se em amizade, e quantas vezes a amizade em amor.

Dizem que os velhos nunca se contentam com o presente ; eu n'este assumpto serci a excepção da regra. Se tivesse de symbolizar o entrudo faria um grupo de Bacho e das Bachantes, se tivesse de personificar o carnaval agruparia Appolo e as graças.

Corre como certo que a sociedade vai este anno promover um baile de phantasia. E' esta medida um poderoso vehiculo de ampliar e aperfeiçoar o estado da nossa civilisação. Não é só largar os trages grosseiros do entrudo e vestir os assetinados do carnaval : o baile de phantasia cria personagens historicas, e o espirito dos *disfarçados* deve revelar-se debaixo d'essas vestes da pragmatica do tempo.

O baile de phantasia não deve ser tão sómente partilha da mocidade, e da edade madura : deve estender a sua influencia benigna e remossante até ao gelo da velhice. Socrates, Bossuet, Turenne, o padre Vieira, Christovão Colombo, e uma infinitade de senadores historicos podem ser representados. Eu se lá for, como espero, irei com o custume, e não com o cynismo de Diogenes, com o riso de Heraclito, ou com o espirito de Voltaire.

E se lá me encontrar com o Padre Vieira lhe perguntarei pela sua patria natal, e o que elle quiz dizer n'aquelle sua carta XL, em que falla da cabana onde nascera. Para dois velhos será assumpto de uma conversaçao litteraria, como Anna Bolena, a Dama das Camelias, Desdamona e outras que taes promoverão aos nossos janotas barofadas de espirito, que nem a evolução de algum alambique.

CASA MOLIDICTA. O theatro de S. Pedro d'Alcan-

cantara não está tão maldito pelos praguentos, que não nos tenha podido dar, (atravez de sacrificios e embaraços) duas peças novas em menos de um mez. No domingo teve logar a representação do drama original do Sr. Bourgain a *Casa Molidicta*. O drama agradou e muito. O Sr. Bourgain parece escrever os seus dramas para uma classe especial, e com muito engenho e felicidade cava e explora essa mina de um gosto especial. O drama tem desejos de lingoagem, a phrase pouco estudada, mas em compensação o desenho dos personagens é correcto e fiel.

O nosso distinto artista, o Sr. João Caetano dos Santos, creou um papel inteiramente novo ; e foi esse personagem uma pedra de toque em que se contrastou o seu genio, e experimentado talento. Não era o tragicó arrebato-nos, nem o typo dramatico a fascinar-nos, nem a estridente gargalhada de André a fazer-nos arripiar as carnes, era um velho usurario de indole, e costumes especiaes a expor-nos o quadro de uma molestia fatal, que identifica a riqueza com a miseria, e transforma o homem em couxa.

Especialmente no monologo, em que o usurario tem a maior sazão da febre, que o devora pelo seu querido thesouro, e na scena do somnambulismo, o Sr. João Caetano arrebatou e colheu freneticos e merecidos aplausos.

O Sr. Arêas com o talento e veia comica, que o constituem um artista de primeira plana no seu genero, foi muito bem no papel do creado digno de tal amo.

Os de mais artistas foram toleravelmente.

O Sr. Bourgain augmentou com este drama mais uma pagina ao seu reportorio popular de auctor dramatico. Se a *Casa Molidicta* tiver um ou outro corte na sobejidão de dialogo, mais disvelo e cuidado no lançar e tornear da phrase pôde tornar-se este drama o irmão segundo de *Pedro Sem*.

O RIGOLETO. O theatro lyrico deu-nos uma opera nova o *Rigoletto* de Verdi. O assumpto da opera, como deve saber quem se importa com estas coussas, é tirado do Drama de Victor Hugo *Le Roi s'amuse* : Rigoletto é essa creaçao phantastica da ardente imaginação do poeta, é o irmão gêmeo de Quasimodo, é essa escrecencia humana, onde se personifica uma grande miseria a rir, e um rir de poderoso a chorar no coração do desafortunado.

Dizem os entendidos que esta partitura é um dos maiores triumphos de Verdi; e assim deve ser: mas a opera deram-no-la castrada, e com um vestuario, scenario, e *mise en scene* miseravel, detestavel e até vergonhoso.

Em muitas passagens, pareceo-nos, que Verdi se plagiava do *Trovador* e *Traviata*: o coro, por occasião do rapto de Gilda é original e foi bem cantado ; o coro, que, no ultimo quadro, arremeda as barofadas da tempestade, e que é uma das bellezas da opera, passou desapercibido, por mal executado, e por ficar abafado com o infernal roncar da trovoada.

A Sra. Charton, na parte cantante, foi bem, posto que uma ou outra vez pareceu-nos não serem sufficientes os recursos da sua voz para exprimir

certas notas. Na parte dramatica achamo-la des-
cuidada no momento em que o seu amante lhe apa-
rece de subito, rojado a seus pés, e quando entra
no salão já com a sua coroa de virgem desfolhada,
e esmigalhada.

O Sr Walter percebeu-nos ir bem; e tambem o
Sr. Bouché no seu pequeno papel. O Sr Dufrene,
que tanto partido podia tirar do seu papel foi como
ele mesmo. A Sra. Guione, que alias é uma boa
comprimaria, parece que foi apostada n'esta opera, a
recordar-nos com saudade as magicas harmonias
d'essa voz magica da Sra. Casaloni.

Tal é a impressão do momento. Ou eu ou outro
mais de espaço mandaremos uma revista da exe-
cução da opera. A Sra. Charton, que prima na ele-
gancia dos costumes deve trocar as suas enormes
botas para não nos trazer à memoria (n'um momen-
to em que se carece de todo o recolhimento para o
efeito dramatico,) a historia do homem das botas
de cortiça.

BAILES MASCARADOS. Além do baile de phante-
zia, dos passios e de outras loucuras do carnaval
teremos bailes de mascaras nos theatraos provisorio
definitivo, e no de São Pedro. Vae proceder-se a
uma lotação, sem que sejam navios, e é opinião
corrente que cada um dos theatros não receberá
mais de duzentas e cincuenta pessoas, e que os car-
tões de entrada serão rubricados pela polícia.

Já na minha anterior vos expuz os meus receios
a respeito do eterno provisorio; e juro-vos pelos
meus deuses que não me aventurarei a ir dançar ou
ver dançar no tal barracão, por que costuma dizer-se
que o seguro morreu de velho.

Sobre a lotação acho injusta a igualdade do nu-
mero de concorrentes; pois o theatro de São Pedro,
solidamente edificado, por que não é edificio pro-
visorio, hade ter o mesmo numero de expectadores
e dançantes que se dá a um theatro, edificado ape-
nas para servir por trez annos, sobre um chão ba-
loso, com um lado já derreado?

Onde está o homem está o perigo, mas Deos disse
« foge da occasião proxima, que eu te livrarei do
peccado; isto é, não vás dançar no provisorio; por
que o provisorio está em occasião proxima de es-
borralhar-se.

CORRESPONDENCIA FAMILIAR. Tenho um amigo
na província, de que sou natural, que por mais de
um cento de vezes me tem pedido uma correspon-
dencia familiar, em que lhe conte as novidades da
corte, porque diz elle — « quem não pôde beber
na taberna, ao menos que folgue n'ella. Das peças
que vos preguci a semana passada, tenho eu pre-
gado duzias ao meu amigo, e, em vez d'elle não se
importar mais comigo e com as minhas correspon-
dencias, insiste em quasi todos os correios pelo
cumprimento da minha palavra, que, a este res-
peito, lhe dei com a mesma facilidade com que lhe
tenho faltado.

Como estamos perto da quaresma, e é mister
irmo-nos preparando para a emenda das culpas,
ao menos durante o tempo do exame de conscién-
cia, e o cumprimento da penitencia, tenho resolvido
escrever regularmente ao meu amigo.

Mas como não posso arder em dois fogos; e eu
sou um dos mais extenuos sectarios da conciliação

do Sr. Marquez do Paraná, isto é, gosto de con-
tentar a todos segundo a occasião, o tempo e as
pessoas como dizem que faz o Sr. Pedreira, lem-
bra-me conciliar-vos a vós, que sois da situação,
e ao meu amigo, que é, ou era da oposição, por
que ha cousa de um mez tenho-lhe faltado por causa
de dois artigos que vos mandei, e que me deixaram
esfalfado. Consiste a minha operação de conciliação
em escrever eu, *ao voar da penna*, uma REVISTA
SEMANAL dirigida ao meu amigo, e em vez de a
lançar no correio inseri-la na vossa Semana, fi-
cando assim conciliadas duas pessoas e uma cousa:
o meu amigo com as novidades, vós com o artigo
hebdomadario, que vos prometti; e a minha ma-
gra algibeira com a economia de alguns cobres,
pois dos vintens se fazem os tostões, dos tostões
os mil reis, dos mil reis os contos, e dos contos os
barões.

E siquemos n'isto.

A. s.

VARIÉDADE.

UM ARTIGO IMPROVISADO.

CARISSIMO FRATELLO. — Não repare no italianoado
titulo de camaradagem; tudo tem sua época, e
por certo que a actual está empregnada de uma
grande dose de italianoismo.

Impôz-me V. a obrigação de dar-lhe a tempo e
a horas uma relação circumstanciada do que se
for passando n'este panorama da actualidade de
56: eu o farci como puder, e não conforme os seus
desejos e esperanças.

Serei cauteloso, pois bem sabe que um dos tra-
ços phisionomicos da perigosa quadra é o da *cau-
tela* nunca tanta extenção se deu ao dito de nossos
avós: — « Cautela e caldo de galinha não faz mal
a doente. » —

Acautela-se a saude por causa do cholera.

Acautela-se o nariz por causa da limpeza das
ruas e do campo de Sant'Anna.

Acautela-se os dividendos por causa dos agiotas.

Acautela-se a carne podre por causa dos amigos
do bom mercado.

Acautelam-se as moças por causa dos emperti-
gados em cavallos do Cabo.

Acautelam-se as heranças por causa..... do
vento.

Com cautela,
Sempre bella,
Sempre guápa
Vive a moça que se escapa
Das unhas do gavião.

Sem cautela,
Se engambela,
Emfim se encapa
Simples moça, e vai p'ra o mappa
Das faltas do coração.

Por tanto acautelamo-nos em tudo quanto tiver-
mos de dizer, para não dizer de mais, nem de
menos.

Ne parler jamais qu'à propos
Cet un rare et grand avantage;
Le silence est l'esprit de sots
Et une des vertus du sage.

Nada lhe poderemos dizer da Europa, porque mesmo a Europa não sabe o que tem a dizer de si; e, se essa razão não bastasse, dir-lhe-ia que temos por cá muita coisa, com que nos divertirmos.

Ahi temos o Paraguay
Com trez bocas a bradar!
Oribes a cochichar
Co'go governo do Urugay.

Ahi temos por entre as Flores,
Rosas d'espinhos ferinos:
Ahi temos esses meninos
A nos mamarem suóres.

Ahi temos no Amazonas
Essas cobiças UNIDAS
E nós? fazendo torcidas
Em louvor das primas donnas.

Onde estão nossas armadas
Em 22 gloriosas?
Estão á espera dos Rosas,
Ou podres por desarmadas?

Não se bula, porém, n'estes pontinhos; mas si que-se sabendo que, ninguem cuidaria em 1826, que em 1856 a nossa marinha estaria reduzida ao presente estado, o nosso exercito tão rico de precedentes gloriosos estaria tão pobre de meios para viver!

Moveram-se nos ultimos tempos essas guerras da Criméa tão abundantes de eventualidades por terra e mar, e nós não mandamos ninguem ao theatro dos successos para ao menos estudarem o que ha de novo na organisação e material do exercito, como na artilharia e manobra dos navios.

Ora a Inglaterra, que está mais perto d'esses melhoramentos, e que é a Inglaterra, achou-se balda e apanhada em atraço na luta gigantesca da Criméa, e nós?

Se os Flores e os Rosas do Sul nos fizerem das suas, procuraremos então saber o que é uma peça á paixhans ou um funil á minié?

Não temos um museu de armas! e todos os povos os tem numerosos e fornidos!

Falla-se muito, ás direitas
Quando as coisas estão bem tortas,
Depois das casas roubadas
Ponham-se trancas nas portas.

Viva Deos, caro Fratello, e deixemos ir o mundo como elle vai pelo grande principio de que Deos escreve direito por linhas tortas, quanto á nós que não somos Deos buscaremos escrever torto por linhas direitas.

Direito, direitinho e rectamente
E' como vive ali a torta gente.

Pois não é viver muito direito, ir direitinho aos galinheiros da vizinhança e roubar tudo quanto por ali se encontra?

Não é viver muito direito caminhar ás apalpeladas por entre portas arrombadas, como acaba de acontecer em uma casa da rua do Senhor dos Passos, e safar-se o sujeito pela linha recta que foi o caminho mais curto que achou depois de encher as algibeiras?

Pois não é muito direito não pagar aos medicos com credito; porem encher os de descredito?

Pois não é tão direitinho vender os remedios e

as meias da policia, e ainda em cima dar garrafadas de remedios que remedeiam para sempre os males dos infelizes, como está acontecendo ahi n'uma roça onde uma autoridade colhe ás direitas?

E' assim que o anzol é que é direito,
E' assim que o escuro é que alumia
Assim perna de pau não é defeito
Assim cahe-se em buraco ao meio dia,
E' assim que a razão está no sujeito
Quando exerce o poder da tyrania
E' assim que por tretas ou por trica
Do pé p'ra mão a gente fica rica.

Eis o porque, carissimo Fratello, os caixeiros não deixam de clamar pelos domingos.

Na verdade como se hade negar aos caixeiros o direito que tem todos de descansar ao domingo?

Não pensem os donos das casas de commercio que poderão colher bom e valioso trabalho de seus caixeiros n'esses dias em que elles estão convencionados que lhe assiste direito ao descanso: nem se pôde mesmo explicar que essa numerosa classe trabalhadora esteja privada do direito commum em um paiz religioso.

Somos de opinião de que aos caixeiros devem-se conceder os dias santificados; e que o contrario importa uma insustentável inversão nos principios de justiça.

Tenham porem os caixeiros paciencia e consolem-se com o resto da Sociedade, que sem causa alguma ficou privada dos dias santos como o de Santo Antonio que foi sempre e hade ser festejado pelos povos christãos.

O que ganhou o Thesouro?
O que ganhou a moralidade publica?
O que ganhou o trabalho?

Bem fazem os inglezes da Estrada de ferro que não querem saber de Santo Antonio, nem Santo Ambrozio, o que querem é saber de Santa LIBRA ESTRELINA.

Há muita gente, carissimo e bom Fratello, que duvida da perfeição da obra e da vantagem de algumas desappropriações, e bem assim de algumas curvas e da bondade de uma deliberação ultimamente tomada, e na qual não queremos fallar por agora, pois cheira-nos a uma vingancinha.

Estamos na phase das accões e das aberturas.

As accões tem tido suas reacções: aos negociantes dos dividendos tem dado que fazer aos advogados e á santa moralidade.

Quanto ás aberturas ahi tivemos uma abertura de causas e motivos publicada nas folhas diarias pelo Sr. Dr. Adhock Lobo, e por isso vae-se com bons auspicios proceder-se á abertura da rua do Cano, que provavelmente deixará o prasaico nome de rua do Cano pelo de — *rua das aberturas e toma larguras*. — Tambem vamos ter um bocado de abertura do canal do mangue da Cidade Nova por conta do Sr. ministro do Imperio e risco do Sr. barão de Mauá, que se quizer, pôde levar a obra ao cabo.

Lá para domingo fallaremos ainda n'esta abertura.

Do seu Fratello.

Y.